

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Elisa Akiko Nakano Takahashi

Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica

São Paulo/SP

2025

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Coordenadoria Geral de Ensino Médio e Técnico/ Superintendência de Desenvolvimento de Materiais Educacionais e Programas Pedagógicos/Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, na sede administrativa.

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A professora Elisa Akiko Nakano Takahashi foi aluna da Fatec SP e entrou como auxiliar de docente dentro do Programa de Formação de Professores e Pesquisadores e logo após o término do curso, começou a trabalhar dentro do Escritório Piloto de Construção Civil e depois, como professora na Fatec SP, onde atua até o momento da entrevista.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: presencial, na sala dos professores do curso de Edifícios da Fatec SP.

Data da entrevista: 23 de setembro de 2025

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 37 minutos e 5 segundos

Número de vídeos: dois

Transcrição: teve apoio de transcrição de IA pelo site TurboScribe.ai gratuito - <https://turboscribe.ai/pt/>

Número de páginas: 18

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do programa “História Oral na Educação” para o projeto coletivo “Memórias do Trabalho Docente”, em função da professora ser ex-aluna, ter estagiado no Escritório Piloto da instituição, ser docente e membro do Sindicato dos Tecnólogos do Estado de São Paulo e sempre lutado pela regulamentação da profissão do tecnólogo. O vídeo dessa entrevista será difundido dentro do programa História oral na Educação no site de memórias, em percurso histórico.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 28 de setembro de 2025

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Retorno da colaboradora: 6 de outubro de 2025.

vídeo um (16 minutos e 45 segundos)

Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC): Boa tarde, professora Elisa Akiko Nakano Takahashi. Eu, Maria Lúcia Mendes de Carvalho, agradeço muito você estar concedendo essa entrevista para nós do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, hoje que é dia 23 de setembro de 2025, aqui no Departamento de Edifícios da Faculdade de São Paulo. Essa entrevista vai fazer parte do nosso Programa de “História Oral na Educação” e vai ser difundida no site de memórias, no projeto “Memórias do Trabalho Docente”. Então, eu gostaria que você contasse para o nosso programa onde você nasceu, que escolas você passou, como chegou aqui na faculdade para cursar Edifícios e, também todo esse teu percurso para ser, como é atualmente, professora do curso de Edifícios da faculdade.

Elisa Akiko Nakano Takahashi (EANT): Bom obrigada pelo convite.

EANT: Eu nasci numa cidade pequena que eu também não conheço, eu só passei lá algumas vezes, chamada Duartina. Minha família mudou para cá quando eu tinha um ano, então não conheço nada da cidade. Conheço, assim, de ter visitado. Meus irmãos lembram, porque eram maiorzinhos, então eles lembram daquela rua. Para mim, essa rua e nada era a mesma coisa.

Estudei sempre em escola pública, desde a infância lá, no chamado antigo pré-primário, estudei em escolas públicas. Na minha entrada, eu vou dizer assim, que na Fatec de São Paulo foi meio por acaso. Eu fazia o cursinho pré-vestibular aqui na antiga Casa do Politécnico e passando aqui, eu vi o cartaz de vestibular e falei, deixa eu ver o que é. Não sabia que era uma faculdade, porque você só via o prédio imponente e tudo mais, mas não sabia que era uma faculdade. Aí, quando eu vi que tinha uma faixa de vestibular, eu me interessei, entrei e dentre os cursos que mais me chamou a atenção, realmente foi de Edifício, de Construção Civil, porque me lembrava bastante engenharia. Apesar de não conhecer nada de construção civil, entrei e demorei um pouquinho para engrenar, mas quando engrenei, me apaixonei pela área. Na época, eu trabalhava até num banco, não só por questões salariais, mas também por questões salariais eu decidi, vou largar essa vida de bancária, e vou me aventurar, e fazer estágio na construção civil. Trabalhei numa pequena empreiteira que fazia reformas, e me apaixonei. Meus chefes também me incentivavam bastante no aprendizado, e aí eu comecei a gostar bastante, principalmente dessa área de obras.

MLMC: E foi em que ano, professora?

EANT: Isso foi em 1986, eu acho. Em 1986. Depois achei que não estava aprendendo muita coisa. Em 1987, eu estava procurando, achei uma empresa de uma construtora e fui trabalhar na área de orçamento. Na área de orçamento, fazer o orçamento em si, eu não achava ruim. O que eu achava ruim era ter que fazer cotação de preços, acho que é a minha natureza, eu sou péssima negociante, e aí tentar negociar preço, quando ele fala esse preço, eu falo: está bom, mas para o orçamento não é assim que funciona, você tem que saber negociar. Eu era uma péssima negociante, ainda sou uma péssima negociante para isso. E aí eu trabalhei, era uma construtora que participava bastante de licitação pública, então a gente tinha que, em algumas situações, virar à noite para fechar a licitação, fechar a proposta da licitação para poder apresentar no órgão público. E aí depois, no finalzinho, acho que foi no finalzinho, ou no começo de 1988, o antigo superintendente do Centro Paula Souza, o professor Oduvaldo Vendrametto, ele tinha uma proposta de formação de professores, porque os professores já eram antigos, desde a criação da Fatec, então em 1973, isso era 88, então a tendência era que teria necessidade de substituir esses professores. E aí ele criou um curso de formação de professores com...

MLMC: Professora Helena Peterossi.

EANT: Não, a Helena foi uma das professoras, mas não... Era mais professor Oduvaldo que encabeçou essa ideia, que introduziu essa ideia, e nós tivemos o que hoje é conhecido como... como é que chama?

MLMC: O Esquema 1.

EANT: O Esquema 1, mas nós tivemos a professora Helena Peterossi e com outros professores, Roberto Kanaane, nós tivemos vários professores aí, professor de inglês também, por um bom tempo, para a gente ser um centro, era um Centro de Formação de Professores e Pesquisadores.

MLMC: Então o professor Roberto Kanaane, ele era da área de licenciatura, ou ele ministrava aula em outras disciplinas?

EANT: Eu acho que foi na área de Psicologia mesmo que ele deu para a gente. Então a gente teve uma série de disciplinas formando isso, e aí logo em seguida houve um concurso público para nós entrarmos como auxiliar... Não, primeiro nós entramos como Auxiliar Docente, e depois houve um concurso público para nós sermos professores, na época era outra carreira, como Professor Auxiliar. Então nós entramos como auxiliares de professores para futuramente assumir as outras aulas, já que o sistema de distribuição de aulas também era diferente.

MLMC: E isso foi em 88 na época do professor?

EANT: 88, 89, na época do professor Oduvaldo Vendrametto.

MLMC: E daí você também trabalhou no Escritório Piloto?

EANT: Isso, logo depois do término desse curso foi implantado o Escritório Piloto, no Centro Paula Souza, em que ele aproveitou o pessoal, principalmente da área de civil, para poder auxiliar nas diversas atividades de construção civil. No começo, não sei se foi um convênio ou se foi uma parceria com a Unesp, porque nós éramos ligados à Unesp ali, e que a gente podia fazer vários... Tinha pessoal, o professor Vladimir Anversa, o professor Rufino Reis Soares e o professor Breno Fabiani. Eles faziam, o professor Vladimir principalmente, fazia os projetos, e a gente trabalhava na área de orçamento e de desenho.

MLMC: Agora, esses projetos, porque nesse período de 88 ainda não tinham vindo para a instituição as escolas técnicas.

EANT: Não todas.

MLMC: Só tinham as 14.

EANT: Isso, exatamente.

MLMC: Tinha as 14, mas não tinham vindo todas aquelas, as 86 da Secretaria da Educação. Então, o escritório piloto também incluía reformas nos prédios da Unesp?

EANT: Da Unesp e do próprio Centro Paula Souza, dessas 14 unidades, e acho que eram 7 de Fatecs. Então, ela fazia todas as atividades e a gente visitava os locais, tinha que implantar obra e tudo mais. Então, a gente fazia visita aos locais para poder entender quais eram as necessidades e passava para o professor Vladimir Anversa para ele poder fazer o projeto das necessidades de cada unidade.

MLMC: E quantos funcionários tinha em 88 no Escritório Piloto?

EANT: Funcionário era a Sônia (Sonia Atsuko Goto Sugahara), o Rubens (Rubens Goldman) e o Zé Moreira, só. De funcionário mesmo eram os três. E depois tinham os estagiários e tínhamos nós, a Maria Alice (Maria Alice Pius), a Fernanda (Fernanda Maria Pinto Freitas Ramos Ferreira), eu, uma professora que já saiu daqui, Elizabete Nakanishi, a Isaura (Maria Varone de Moraes Cardoso), quem mais? A Ieda (Ieda Maria Nolla).

MLMC: Mas como funcionava? Vocês tinham carga horária completa?

EANT: Isso, carga horária completa é 40 horas, como até hoje, e a gente dedicava essas 40 horas a princípio lá. Então, uma parte ia para orçamento, uma parte ia para desenho, uma parte ia para obra. E como eu trabalhei nessa empreiteira aí e fazia obra, é a parte que eu mais gostava. Então, eu conversei com os professores e eles aceitaram, apesar de ser mulher, porque naquela época, em 1989, era meio difícil, mas eles aceitaram numa boa e eu comecei a fazer mais essa parte de fiscalização de obra.

MLMC: Mas a professora, tem muitas imagens suas nos nossos livros de memória, das construções dos edifícios do bloco A, do bloco B, do bloco C. Quando você tirou essas fotografias, elas têm relação com o Escritório Piloto?

EANT: Não, era interesse particular meu. Eu acho que era importante registrar. Hoje eu uso até em sala de aula essas fotos, mas não pensava nisso. Eu achava que eu tinha que registrar essas etapas construtivas, porque fazia parte da história mesmo. Mas não que eu pensasse também, isso aqui vai ser usado futuramente para demonstrar como era. Não, eu achava que isso eu tinha que registrar de qualquer jeito.

MLMC: Agora, por exemplo, a construção desses prédios, como chegavam os recursos para a Paula Souza poder investir nisso? Até porque eles foram feitos por etapas.

EANT: Por etapas, primeiro o bloco A e depois os blocos B e C. Praticamente quando o bloco A estava terminado, começaram as obras do bloco B e C. Mas as verbas vinham da Secretaria da Fazenda sem nenhum problema. Bem diferente de agora (risos), mas vinham e não tinha problema nenhum.

MLMC: E quando foram demolidas as salas da Politécnica, teve algum questionamento de aluno?

EANT: Nunca. Ninguém perguntou. Inclusive, sempre acontece isso com obras públicas. Pelo menos até um tempo atrás acontecia isso. Não tinha questionamento com a Condephaat, não tinha questionamento com nenhum órgão público.

MLMC: Certamente, professora, porque eu me lembro de ter lido em algum artigo de revista do Arquivo Público, que logo que entrei no projeto de memórias, porque esse portão que a gente tem aqui quando vai entrar, bem antigo, que vem para a pós-graduação direto, ele também tinha para a Tiradentes (Av. Tiradentes). E eu lembro que eu cheguei a ler, que esse portão foi vendido para alguém lá do bairro do Ipiranga. Eu vi isso escrito. Então realmente não tinha essa preocupação.

EANT: Não, nunca teve essa preocupação. Mesmo a construção em si e tudo mais, é lógico que tinha questão de segurança no trabalho, mas também não era uma preocupação tão preocupante como é hoje.

MLMC: E o professor Anversa, ele chegou a ver a inauguração do teatro com o nome dele?

EANT: Ah não, o anfiteatro sim, mas bem depois da morte dele é que a gente deu a sugestão para a direção que desse o nome dele para o anfiteatro mesmo. Mas os filhos dele vieram para essa inauguração, vamos dizer assim, do Auditório Vladimir Anversa.

MLMC: Você se lembra que ano é que ele faleceu?

EANT: Nossa, ele faleceu em 1995, não tenho certeza.

MLMC: Então as escolas já tinham vindo todas para nós, né?

EANT: Isso já.

MLMC: Porque as escolas, eu entrei em 2000 no Centro Paula Souza, e acho que, entre 2001 e 2002, teve uma reforma muito grande nas escolas. O escritório piloto... Já não atuava. Já não era mais escritório piloto?

EANT: Sim. É, acho que para mim sempre foi escritório piloto.

MLMC: É porque depois mudou para Infraestrutura, né?

EANT: O mais que chamam de infraestrutura para mim sempre foi escritório piloto. Mas é que mudou, acho que em 2000, não sei se foi exatamente nessa época, mas começaram a exigir que fosse feito primeiro pelo CPOS (Companhia Paulista de Obras e Serviços), pelo antigo CPOS. Então, apesar de ter o projeto e tudo mais, mas a licitação teria que passar pelo CPOS para poder fazer tudo. Então a fiscalização já não era mais também do Centro Paula Souza, era da CPOS.

MLMC: Que era dentro da Secretaria da Educação?

EANT: Não, é Secretaria de Obras. Era de obras.

Vídeo dois (20 minutos e 20 segundos)

MLMC: Professora Elisa, alguns professores da Fatec São Paulo foram para a França, para a Alemanha, na década de 80. Você chegou a trabalhar com algum deles depois quando retornaram?

EANT: Trabalhei antes e trabalhei depois. Enquanto eles estavam viajando, a gente estava aqui trabalhando já no Escritório Piloto, no Centro Paula Souza. O professor Celso (Celso Couto Junior), que era o antigo Coordenador do Escritório Piloto, ele foi um dos que foram para a França. Então, ele conheceu o sistema escolar das escolas francesas de tecnologia. E o professor Viegas (José Mario Viégas), ele dá aula até hoje aqui no curso. Mas o professor Viegas foi para a Alemanha também conhecer a sistemática de educação na Alemanha. Então, eles trouxeram alguns conhecimentos, mas que eram difíceis de implantar, pelo próprio conceito que a gente tinha de educação e tudo mais, já eram mais complicados. Mas foi bastante interessante.

MLMC: Mas era por falta de recursos ou os currículos eram muito diferentes?

EANT: Não os currículos que fossem diferentes, mas eu vou dizer que era o reconhecimento do profissional na Europa de um modo geral com o reconhecimento do tecnólogo aqui no Brasil, que é muito difícil até hoje. Certo.

MLMC: Mas eles chegaram a comentar como é que era o processo de ensino, extensão e pesquisa lá? Era muito diferente do nosso?

EANT: Não me lembro para falar a verdade agora, mas se não me engano era próximo ao que existia aqui. Era uma intenção que o professor Oduvaldo queria fazer aqui também, que os professores além de ministrarem aula fossem pesquisadores também.

MLMC: Mas daí esses professores eles tinham 40 horas integral?

EANT: Isso, nós fomos contratados com esse intuito de ser uma jornada de 40 horas. Então o nosso concurso foi de 40 horas justamente para poder se dedicar tanto ao ensino como à pesquisa.

MLMC: Mas nessa época que o superintendente Oduvaldo Vendrametto tinha essa intenção de se trabalhar com pesquisa, tinha uma proposta, um plano estratégico para isso? Tinha

apoio governamental? Porque nós também dependemos muito do Governo do Estado de São Paulo, né?

EANT: Não, não tinha nenhum apoio. Na verdade, foi uma ideia que ele teve, que ele achava que o Centro Paula Souza, no formato que existia na época, que era bem menorzinho, de fazer um incentivo à pesquisa também. Porque o conceito da Fatec São Paulo, o primordial até hoje, é que o professor ele traga a experiência dele vivida em campo para os alunos dos respectivos cursos. Mas ele queria introduzir também que houvesse um sentido de pesquisa junto aos alunos também.

MLMC: Agora, o professor Vendrametto participou de um processo para continuar como diretor, né? E daí nessa época quem venceu foi o professor Elias Horani. O professor Elias Horani também tinha essa mentalidade de pesquisa?

EANT: Não, não tinha essa mentalidade.

MLMC: Eu pergunto isso, professora Elisa, porque no Centro de Memória do Centro Paula Souza, nós temos no período que o Kazuo Watanabe, que ficou substituindo temporariamente por um tempo curto, menos de um ano, com a saída do professor Elias Horani, nós temos dois Cadernos de Pesquisas. E no mesmo período também a coordenação do ensino médio, na época era só ensino técnico, não tinha ensino médio. Ela também tem cinco números lá de uma revista que se chama *Syntheses*. Então se percebia que tinha esse interesse em deixar os registros do que se fazia, tanto em termos de formação de professores, como no caso da Faculdade de Tecnologia. Mas a sensação que me dá é que foi um período muito curto, porque depois isso não continuou.

EANT: Não, não houve continuidade. Logo depois do professor Kazuo entrou, se não me engano, o Marcos Monteiro, e logo em seguida a Laura Laganá, e simplesmente foi interrompido o processo. Mas em contrapartida, existia na Unesp os professores em regime de jornada integral. E aí foi criada uma Coordenadoria de Regime de Jornada Integral, e o professor se inscrevia para participar ou não desse regime de jornada integral, que hoje é o que a gente chama de CPRJI.

MLMC: Mas esses projetos do RJI, eles continuam não sendo administrados com plano estratégico institucional? Porque assim, para gerar pesquisa, você tem que formar grupos de pesquisa, né?

EANT: Isso antes do RJI, no curso de Edifícios, a gente tinha os grupos de pesquisa. Então, nós formávamos grupos de áreas de interesse para pesquisar um determinado assunto. No meu caso, eram ou fundações ou técnicas construtivas, mas tinha o grupo de CAD, por exemplo, ele foi criado justamente nessa época, na introdução do Desenho Técnico Assistido por Computador, foi justamente nessa época do grupo de pesquisa.

MLMC: De 87 para 88?

EANT: De 88 a 89, mais ou menos, até 90.

MLMC: Inclusive, nesse período, também tinha os computadores Cobra, não tinha?

EANT: Isso, tinha os computadores Cobra, não lembro a marca.

MLMC: Era Cobra a marca.

EANT: Era Itaútec, Itaútec na nossa época.

MLMC: Ah, mas Itaútec já é um pouquinho posterior.

EANT: Isso, mas era na época de 90, mais ou menos, em que a gente aprendeu dentro daquele curso de formação, também em linguagem informática, lógica, tudo mais. Aprendeu a mexer no DOS, só os antigos vão saber o que é isso. No DOS e no Lotus 123, que hoje é chamado de Excel, que era uma planilha eletrônica.

MLMC: O DOS era, eu me lembro, que o computador era o 286.

EANT: Isso, o 286.

MLMC: Daí, quando surgiu o 386, era uma felicidade, porque a gente podia fazer as planilhas de Excel, que a professora deve ter trabalhado em orçamento.

EANT: Inclusive, isso é só para quem é velho mesmo, a gente achava o máximo de a gente conseguir armazenar aqueles dados naquele disquete grande. Quando surgiu aquele pequenininho, fomos, nossa, ele cabe o dobro. Mas era uma capacidade muito pequena. Hoje, o pessoal tem nuvem, tem pen drive.

MLMC: Isso que eu ia falar, o pen drive já é desse século. Eu me lembro que eu estava no Instituto Nacional de Tecnologia, no Rio de Janeiro, e a coordenadora chegou e colocou o pen drive dela. Era a primeira vez que eu vi o pen drive. Fiquei fascinada também.

EANT: O pen drive começou com um ou dois gigas. Hoje, tem 128. Sei lá se tem mais ou não. Então, é a tecnologia avançando ao longo do tempo.

MLMC: E, professora, como é que você vê? Porque, em 2023, a gente começou a ter a internet generativa. Com os sites ChatGPT, Gemini, do Google. Você sente que os nossos alunos se apropriam bastante dessa tecnologia? Como nós que somos da educação, vamos ter que rever muitos dos nossos conceitos e atividades para interagir com essa nova tecnologia?

EANT: Entendi. Porque hoje é assim, vamos dizer, da minha época de estudante. A época de estudante era nos livros que a gente pesquisava para saber alguma coisa. Então, meus filhos brincam comigo. Quando eles não sabem uma palavra, eles recorrem a mim. Falam assim: - como você sabe tanta palavra? Não tinha televisão, quer dizer, tinha televisão, mas não tinha tanta variedade. Não tinha internet, só tinha rádio e tudo mais. Então, era costume a gente procurar no dicionário o que significava as palavras para poder se orientar, para poder falar e tudo mais. E hoje, o pessoal vai na internet, procura lá, ou nem quer saber. Eu acho que é isso, mas não tenho certeza. Mas eu acho que do jeito que nós nos formamos, a gente sempre recorreu a livros. Então, a gente sempre faz isso. E a juventude hoje já nasceu com a internet. Ou a maioria, principalmente agora, já nasceu com a internet. Então, para ele é tudo imediato. Eu quero saber, eu vou lá e pesquiso. E aí eles acham que a internet generativa, ou a inteligência generativa também vai resolver o problema deles. Pode resolver, mas isso não vai agregar nada se ele não ler. Porque eu já me cansei de trabalho em que o aluno fazia um cópia-cola. O que estava escrito no site lá, ele colava. E aí eu dava uma nota baixa para o aluno, aí ele perguntava por quê. Eu falava: - você nem leu o que está escrito.

MLMC: Não fez nenhuma análise crítica, né?

EANT: Porque está assim, consulte nosso site. Está lá escrito, consulte nosso site. Nem para tirar esse conjuntinho de palavras, você teve a paciência de tirar. Você simplesmente copiou e colou. Então, você não fez pesquisa. Porque isso não é pesquisa. Então, é uma coisa assim que os alunos, hoje em dia, eles acham que é um trabalho que vale nota, não sei o quê. É só copiar e colar, fazer a pergunta lá para o ChatGPT, que ele vai me responder, está feito o

trabalho. Mas não é assim que o profissional tem que ser. Porque não é assim que a vida funciona.

MLMC: E, além disso, eu acho que nós que somos da educação, a minha preocupação vir a trabalhar para definir uma política no sentido de questões éticas, direito autoral, a própria inovação tecnológica. E, para isso, precisa ter conhecimento. Até para você fazer análise, do que você está recebendo. Porque aquilo é um acúmulo de informação que já está na máquina. Lógico que é muito recente tudo, mas a gente vai ter que repensar o nosso fazer.

EANT: Eu brinco com os alunos assim. Se eles acham que a vida de estudante é chata, ruim, porque o professor fica exigindo, não sei o quê, a vida profissional dele vai ser pior. Porque a profissão vai te exigir mais. Ele vai te exigir que você sempre esteja atualizado. Então, para isso, você tem que pesquisar, você tem que conhecer, você tem que estudar. E aí é por vontade própria e não por obrigação, que é diferente. Então, não é porque você adquire um diploma que fala assim, agora não preciso mais estudar. É pior, você vai ter que continuar estudando para você ser um bom profissional, porque senão você não consegue isso.

MLMC: E hoje em todas as profissões, né, professora?

EANT: Não, em qualquer profissão.

MLMC: Porque com o avanço tecnológico, você tem que saber trabalhar com a ferramenta. Então, qualquer profissão tem que estar atualizada.

EANT: Muitos alunos falam assim, mas tem software para fazer isso, software para fazer aquilo, não sei o quê. Eu falo tudo bem, só que se você der uma informação errada para o software, ele faz tudo errado. Então, não adianta nada você não saber alimentar o programa, por que vai sair errado e aí qual o prejuízo disso? Então, eu sempre brinco com isso. Para fazer desenho, tem o CAD, AutoCAD, Revit e tudo mais, mas você precisa saber desenhar. É a primeira coisa. Para saber enxergar o que você está fazendo, porque você põe lá um comando, faz uma linha aqui, faz uma linha ali, não sei o quê, ele realmente vai desenhar, mas será que ele vai desenhar certo? Você está alimentando de uma forma correta? A questão do software de planejamento, você tem que saber planejar. Se você não souber planejar, você vai alimentar errado, o planejamento vai sair errado. Estruturas, a mesma coisa. O pessoal brinca bastante, eles brigam bastante, quando a gente fala assim, você não colocou a unidade, está errado. Mas é só uma unidade. É metro, centímetro, quilômetro, faz diferença.

MLMC: O prédio cai. (risos)

EANT: Faz diferença. Depois disso, eles acabam entendendo, principalmente quando eles começam a estagiar, eles veem que é importante ter essas informações que parecem besteira.

MLMC: E a importância das normas técnicas.

EANT: Eles acham que é implicância de professor. Ele não gosta de mim, por isso que está implicando comigo. Mas não, porque é isso que a vida profissional deles vai exigir, de um jeito ou de outro.

MLMC: Professora, tem mais alguma coisa que você gostaria de deixar registrada sobre o seu período de trabalho aqui na Fatec?

EANT: Acho que sim. Se a proposta tivesse sido continuada, nós teríamos uma grande leva de professores, de pesquisadores mais engajados, eu diria, dentro do Centro Paula Souza. Desculpe, se você quiser cortar depois disso, você corta; que o próprio Centro Paula Souza reconhecesse isso. Porque o que a gente vê hoje é que ele quer uma pesquisa, mas tem que ter um vínculo com um Plano.

MLMC: Tem que ter um plano estratégico institucional. Até para pedir recursos, recursos que são administrados pela instituição. Tem que ter um plano que envolva o grupo, como acontece nas universidades.

EANT: Acho que isso falta um pouquinho. Estou há 37 anos só como funcionária aqui da Fatec. O que a gente vê ao longo do tempo é que, é que nem político em prefeitura, em governo, em federal também. Um diretor superintendente, na época, tinha uma linha de raciocínio. Entrou outro, mudava a direção. Entrava outro, mudava a direção. Entrava outro, mudava de direção de novo. Então, a gente fica meio perdido. Os funcionários, funcionário eu digo aqui, tanto administrativo como professores, eles ficam perdidos nessa direção. Porque você está indo em uma direção. Aí você fala, não, mas assim, é assado. E isso acaba, eu acho que, até desmotivando, fazendo com que o funcionário perca um pouquinho o ânimo de continuar fazendo o que ele estava fazendo. Se ele fazia com gosto uma coisa, depois ele fala assim, mas por que eu fiz tudo isso? Porque isso tudo foi jogado fora.

MLMC: Eu entendo o que a professora está falando, até porque nós, desde 2022, somos considerados um ICT. Para ser realmente um ICT, tem que ter esse plano estratégico, tem que ter essa proposta de pesquisa, tem que ter investimento. Porque nós não temos conta própria. Você fica recebendo minguido do governo.

EANT: Exatamente.

MLMC: Porque nós somos uma autarquia. Nós não temos os mesmos vínculos que as universidades têm para gerir as suas pesquisas. E eu também sinto muito isso, porque eu acho que nós temos gente com neurônio suficiente para poder desenvolver pesquisa.

EANT: E não está fluindo.

MLMC: Não está fluindo o tanto que poderíamos ser capazes de produzir.

EANT: Porque acho que essas mudanças de direções, se fossem claras, seria mais fácil. Mas, muitas vezes, a gente não consegue entender o porquê da mudança. Então, eles fazem um direcionamento para isso. Isso não precisa estar gravado, mas, por exemplo, o oferecimento do curso... (interrompida a gravação)

Descritores

História oral na educação
Memórias do trabalho docente
Fatec de São Paulo
Tecnólogo em Edifícios
Elisa Akiko Nakano Takahashi
Maria Lucia Mendes de Carvalho
Sindicato dos Tecnólogos do Estado de São Paulo
Helena Peterossi
Roberto Kanaane
Sonia Atsuko Goto Sugahara
Rubens Goldman
Maria Alice Pius
Ieda Maria Nolla
Companhia Paulista de Obras e Serviços

Condephaat

Escritório Piloto

Infraestrutura

Monitoria

Auxiliar de Ensino

Monitor auxiliar de ensino

Professor Auxiliar

Projetos RJ1

ICT

Intercâmbio com a França

Intercâmbio com a Alemanha

Oduvaldo Vendrametto

Elias Horani

Kazuo Watanabe

Vladimir Anversa

Celso Couto Junior

Rufino Reis Soares

Breno Fabiani

José Moreira

Elisabete Nakanishi.

Dados Biográficos da Entrevistada



Elisa Akiko Nakano Takahashi

Fotografia: Maria Lucia Mendes de Carvalho, 23/09/2025.

Elisa Akiko Nakano Takahashi - possui graduação em Construção Civil - modalidade Edifícios pela Faculdade de Tecnologia de São Paulo (1987) e mestrado em Tecnologia Nuclear pela Universidade de São Paulo (2006). Atualmente é professora da Fatec SP. Tem experiência na área de Engenharia Civil, com ênfase em Engenharia Civil. Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/9427432624441918>. Acesso em: 28 set. 2025.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho - Pós-doutora em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiten, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). Professora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional (2020). É Coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e Técnico no Centro Paula Souza (desde 2001), coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas

(2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), Espaços, Objetos e Práticas (2018), Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos (2020), Concepções, Rupturas e Permanências (2021), Edifícios, Patronos e Diversidade na Gestão Escolar (2022), História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores (2023) e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/2330225376519419> Acesso em: 10 set. 2025.

Anexos (documentos sigilosos e não ficarão aberto online ao público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Elisa Akiko Nakano Takahashi

Termo de uso de Imagem de Elisa Akiko Nakano Takahashi